



INTELECTUAIS NEGRAS NA ACADEMIA E CRIANÇAS NEGRAS: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COMO ASSUNTOS DE VIDA!

Flávia de Jesus Damiano¹

Resumo: Este artigo partilha uma discussão teórica, ligada a uma pesquisa de doutorado, acerca dos sentidos epistêmicos e políticos da produção de conhecimento, na área da educação, gestada por intelectuais negras na academia em torno das crianças negras e suas infâncias. As abordagens das Relações Étnico-raciais no Brasil, do Feminismo Negro e da Sociologia da Infância foram as referências conceituais pelas quais transitamos. Ao final do trabalho, compreendemos que as mulheres e intelectuais negras brasileiras ao elegerem as crianças e infâncias negras como assuntos de vida na academia produzem pesquisa eticamente e etnicamente engajada. Ou seja, as intelectuais articulam em torno das crianças negras, a um só tempo, uma atuação política, social e acadêmica com vista à construção de outros mundos e outros modos de ser.

Palavras-chaves: Crianças negras; infâncias negras; intelectuais negras; produção de conhecimento na academia; Relações étnico-raciais.

BLACK INTELLECTUALS IN THE ACADEMY AND BLACK CHILDREN: KNOWLEDGE PRODUCTION AS LIFE ISSUES!

Abstract: This article shares a theoretical discussion, linked to a doctoral research, about the epistemic and political meanings of knowledge production, in the area of education, managed by black intellectuals in the academy around black children and their childhoods. The approaches to Ethnic-Racial Relations in Brazil, Black Feminism and Sociology of Childhood were the conceptual references through which we transit. At the end of the work, we understand that Brazilian black women and intellectuals when choosing black children and childhoods as subjects of life in the academy produce ethically and ethnically engaged research. In other words, intellectuals articulate around black children, at the same time, a political, social and academic performance with a view to building other worlds and other ways of being.

¹ Doutora em Difusão Conhecimento (DMMDC); Mestre em Educação- UFC; Especialista em Educação Infantil –UNEB; Graduada em Pedagogia UFBA. Professora de Educação Infantil na Creche da Universidade Federal da Bahia. E-mail: afroflaviadamiao@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8015-7280>.

Keywords: black children, black childhoods, black intellectuals, knowledge production in the academy; Ethnic-racial relations.

INTELECTUALES NEGROS EN LA ACADEMIA Y NIÑOS NEGROS: ¡LA PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO COMO CUESTIÓN DE LA VIDA!

Resumen: Este artículo comparte una discusión teórica, vinculada a una investigación doctoral, sobre los significados epistémicos y políticos de la producción de conocimiento, en el área de la educación, gestionada por intelectuales negros en la academia en torno a los niños negros y su infancia. Los enfoques de las relaciones étnico-raciales en Brasil, el feminismo negro y la sociología infantil fueron las referencias conceptuales a través de las cuales transitamos. Al final del trabajo, entendemos que las mujeres negras e intelectuales brasileñas cuando eligen a niños y niñas negros como sujetos de la vida en la academia producen investigación ética y étnicamente comprometidas. En otras palabras, los intelectuales se articulan en torno a los niños negros, al mismo tiempo, un desempeño político, social y académico con miras a construir otros mundos y otras formas de ser

Palabras clave: niños negros; infancia negra; intelectuales negros; producción de conocimiento en la academia; Relaciones étnico-raciales.

LES INTELLECTUELS NOIRS DANS L'ACADÉMIE ET LES ENFANTS NOIRS: LA PRODUCTION DE CONNAISSANCES COMME ENJEU DE LA VIE

Resumé: Cet article partage une discussion théorique, liée à une recherche doctorale, sur les significations épistémiques et politiques de la production de connaissances, dans le domaine de l'éducation, conçue par des intellectuelles noires dans le domaine universitaire, à propos d'enfants noirs et de leur enfance. Les approches des Relations ethno-raciales au Brésil, le Féminisme Noir et la Sociologie de l'Enfance sont les références conceptuelles par lesquelles nous transitons. À la fin du travail, nous reconnaissons que, lorsque les femmes et intellectuelles noires brésiliennes choisissent enfants et enfances noirs comme sujets de vie dans le domaine académique, elles produisent une recherche engagée sur le plan éthique et ethnique. En d'autres termes, les intellectuelles articulent autour des enfants noirs, un acte à la fois politique, social et académique, en vue de construire d'autres mondes et d'autres manières d'être.

Mots-clés: enfants noirs; enfances noires; intellectuelles noires; production de connaissances dans le milieu universitaire; Relations ethno-raciales.

PALAVRAS INICIAIS

Eyín Fe O Fi Owo Ye Ko Mi Mò Ara
Deixem a criança rodear meu corpo com sua mãos (oriki de oxum)



Crianças e mulheres negras brasileiras são sujeitos sociais que têm sua cidadania e humanidade- reconhecimento de ser - negada pelo racismo que vigora no Brasil, e os atinge mais intensamente que a outros grupos sociais. No contexto brasileiro de 2020, momento em que este artigo é produzido, a pandemia de Covid-19, articulada às questões sociais, políticas e econômicas do país, intensificam, ainda mais, diferentes tipos de violências contra estes grupos. Essas violências têm o racismo como lastro produtor de políticas de mortes para com a população negra de modo geral, e, para com crianças e mulheres negras de modo mais específico e acentuado.

Na contramão do imaginário social, crianças e mulheres negras são também sujeitos sociais que vem ao longo da história do Brasil, construindo estratégias e dinâmicas de promoção de suas vidas, e da vida do coletivo étnico-racial que integram. Os terreiros, as irmandades, os quilombos, as confrarias, os clubes recreativos, as associações de bairro, as ONGs, as escolas comunitárias... são algumas das diversas experiências de gestação e gestão da vida que foram empreendidas por nós desde que as primeiras africanas aqui chegaram, trazidas contra a própria vontade pelo escravismo criminoso.

Deste modo, herdamos hoje o legado construído pelas/os que nos antecederam, e, estamos criando mundos para as/os que nos seguirão. Bebendo na fonte dessa herança, mas sintonizadas à temporalidade do hoje, continuamos por entre lutas, frestas e festas criando novas experiências sociais que nos autorizam como sujeitos de nossa própria história.

Fernanda Carneiro (2000, p. 23) nos conta que a “formação social brasileira vem exigindo que mulheres, crianças, jovens, idosos e homens negros rompa com uma subjetividade ancorada apenas em um eu biológico, e acolha a percepção de um eu histórico, relacional, transcendente.” Faz-se necessário compreendermos um eu-nós pronunciado em comunidade.

Este trabalho toma o eu-nós inserido em uma comunidade-continuidade. Nessa senda, usaremos a terceira pessoa plural na escrita do artigo. As reflexões aqui apresentadas foram produzidas a partir de uma pesquisa de doutorado². Aqui,

²Crianças negras pequenas e suas infâncias: produção de conhecimento a partir do Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE). A pesquisa foi realizada no Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC)-UFBA/LNCC/UEFS/UNEB/IFBA/SENAI/CIMATEC/ IHAC -sob a orientação da professora doutora Rosângela Janja Araújo.



compartilharemos os sentidos epistêmicos e políticos da produção de conhecimento, na área da educação, gestada por intelectuais negras na academia em torno das crianças negras e suas infâncias. Para dar curso à referida criação dialogamos com referências teóricas dos campos das Relações Étnico-raciais no Brasil, do Feminismo Negro e da Sociologia da Infância.

Neste artigo, utilizamos os termos intelectuais negras e pesquisadoras, sempre no feminino, por razões subjetivas e políticas. Quem produziu o artigo é uma mulher-intelectual negra e um dos sujeitos históricos privilegiados são as mulheres-intelectuais.

Ao final deste trabalho, apontamos que as intelectuais negras brasileiras ao eleger o tema das crianças e infâncias negras como assunto de pesquisas e estudos estão gerando ao mesmo tempo uma atuação existencial, política, social e acadêmica. Consideramos que ao se inserirem na academia, as mulheres negras a transformam em espaço de atuação política em prol da comunidade negra, e, põem em ação projetos de lutas, resistências e criação de vida benfazeja. Uns dos projetos de lutas e de bem viver incluem projetos de gestação, nutrição e defesa da vida das crianças e infâncias negras.

CRIANÇAS E INFÂNCIAS NEGRAS – ASSUNTOS DE VIDA!

As múltiplas experiências vividas por nós, ao longo da vida constituem uma amálgama que estabelece uma forte relação e compromisso com o assunto das crianças negras e suas infâncias.

Definitivamente, este assunto, não é para nós tema para aquisição de certificados na academia ou mesmo, tema da “moda” para participar de *lives* que em 2020 se multiplicam nas redes sociais, dado o crescente aumento de violência que incide sobre a população negra infantil brasileira. Não tencionamos elaborar um esquadrinha mento asséptico, racional e hierarquizante acerca das crianças negras, nós nos movemos na direção de produzir sentidos – éticos, estéticos, afetivos, políticos – acerca do universo das crianças negras e suas infâncias. Antes, a partir da perspectiva teórica do sociólogo Guerreiro Ramos *apud* Cristiane Ribeiro (2005).

Seduzidas pelo pensamento do sociólogo Guerreiro Ramos(RIBEIRO, 2005) neste trabalho as crianças negras pequenas não são percebidas como um “tema de estudo”,

um “problema social”, um “problema dos negros”. Crianças negras e suas infâncias são acolhidas como assunto de vida! Como assunto que diz respeito a toda a sociedade brasileira, e, por ela deve ser dignamente tratada.

Como assuntos de vida, compreendemos as crianças negras e suas infâncias a partir do macrocosmo africano e afro-brasileiro - universos simbólicos e culturais. As reconhecemos como pessoas herdeiras da ancestralidade africana³ que foi, e continua sendo reelaborada em terras brasileiras.

Neste artigo, a expressão crianças negras, se refere ao conjunto da população infantil formada por crianças pretas e pardas⁴. Atentas, também ao que preconiza Estatuto da criança e do adolescente (Lei 8.069/90) tomamos as crianças negras como sujeitos de direito e pessoas de 0 a 12 anos de idade incompletos. Além do que define o referido marco legal, inspiradas pelo campo de estudo da Sociologia da infância compreendemos que crianças negras são atrizes e atores sociais plurais integrantes de um grupo étnico-racial: população negra.

Ao designarmos infâncias negras, consideramos que as mesmas se conformam desde múltiplas experiências – vividas, sonhadas, desejadas - das pessoas negras de 0 a 12 anos de idade. A Sociologia da Infância defende a infância como categoria social do tipo geracional (Sarmiento, 2009). Ela comporta desigualdades e contradições. O marcador geracional é chamado por Sarmiento (2009) para indicar o caráter homogêneo da condição social da infância na relação com outras categorias geracionais. “(...) o poder de controle dos adultos sobre as crianças está reconhecido e legitimado, não sendo verdadeiro o inverso, o que coloca a infância – independente do contexto social e da conjuntura histórica – numa posição subalterna face à geração adulta” (SARMENTO, 2009, p. 22). Mas a infância é também pelo caráter heterogêneo quando colocada em interface com outras categorias sociais, como por exemplo, pertencimento étnico-racial, gênero, classe social, localização geográfica, etc.

Ao adjetivar por *negra* os substantivos crianças e infâncias, não pretendemos que estas se constituam como categorias generalizantes das populações infantis de descendência africanas no Brasil. Utilizamos a categoria política “negro”, nas sendas que Flávia Damião e Eduardo Oliveira (2013) alertam:

³Sobre Ancestralidade Africana ver Eduardo D. Oliveira (2005).

⁴ Pretos e pardos são categorias de cor/raça usadas pelo IBGE que juntas conformam a população negra.



No entanto, para não nos perdermos na imensa floresta étnica africana, cumpre informar que a categoria *negro/a* não pretende ser uma categoria generalizante das populações africanas no Brasil, mas uma categoria política, de unidade histórica, que vincula de maneira indissociável o Brasil e a África, reconhecendo ambos territórios como territórios de diversidade. Ou seja, falar em afro-brasileiro, afrodescendente, negro, é falar sobre o signo da diversidade empírica, vivencial, histórica e que, nem por isso, nos exime de pensarmos estratégias de afirmação do *ser negro* em comum, já que comum também foi o racismo e o colonialismo que afligiu todo esse contingente populacional, alhures ou aqui. (DAMIÃO e OLIVEIRA, 2013, p.09)

Para nós, as expressões “crianças negras” e “Infâncias negras” são diferentes, mas se complementam. . As aproximações com as discussões teóricas originárias da sociologia da infância, aponta que a palavra crianças, remete a dimensões da ordem do individual, do singular, e o termo infâncias, como se referindo a esfera do grupo, do coletivo. Interessa-nos pensar no trânsito entre essas duas dimensões: individual e grupal. Em síntese, neste trabalho, a expressão crianças negras pequenas, se refere ao conjunto da população infantil formada por crianças pretas e pardas. E infâncias negras pequenas como estrutura social do tipo geracional das crianças que integram o grupo de crianças negras.

A perspectiva feminista negra defende a inclusão das experiências das mulheres negras na produção do conhecimento. Assim, aqui exercitamos compartilhar inquietações, angústias, descobertas e reflexões de mulheres negras que tem se debruçado à pesquisa acerca das crianças e infâncias negras na academia.

INTELECTUAIS NEGRAS: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

“A luta negra sempre existiu”⁵ no culto religioso aos ancestrais, no gingado do corpo, no mito, no canto, na dança, no comer, nas relações de vizinhança e familiar, na festa, na dinâmica do dia-a-dia.... Mas também no trabalho, na prática educativa, nas redes de solidariedade, na afetividade, na organização social, cultural e política.

Essas, e muitas outras, têm sido as formas de luta que a população negra tem lançado mão para se inscrever enquanto protagonista de sua história e importante atriz social no cenário nacional. Neste sentido, a professora e pesquisadora Maria de Lourdes Siqueira (2007) diz que os/as negros/as passaram a recriar, reelaborar e reinventar modos

⁵ Trecho da música Revolução de Willian Reis gravada pelo Bloco afro Ilê Ayiê (1989).



de dar continuidade ao processo civilizatório que constitui as raízes ancestrais. (SIQUEIRA, 2007 *apud*, GOMES, 2008 a, p. 67).

No entanto, o que tem prevalecido no imaginário social do país são representações do povo negro como escravizados. E, escravizados como sinônimo de selvagens e primitivos, logo como seres destituídos de história, cultura, sentimentos e conhecimentos. A história dos descendentes de africanos contada pelo viés da hierarquização que busca reduzir a existência de nosso povo ao trabalho manual como escravizados, e nos aprisionar às características físicas, à malandragem e às atividades recreativas. No entanto, como bem nos lembra Edivaldo Oliveira (2014), a população negra “Por meio de ações políticas, culturais, sociais, religiosas e acadêmicas, buscam romper com a história socialmente construída para o povo negro, seja da Diáspora ou do continente africano” (OLIVEIRA, 2014, p.15).

A partir do acolhimento do legado de lutas de inúmeras mulheres e homens negras/os é que situamos a discussão em torno do conceito de intelectual negra. Uma primeira questão que gostaríamos de chamar atenção diz respeito à criação do conceito e toda a produção teórica em torno do campo de estudo sobre intelectual.

Sabemos que esta palavra “intelectual” é um conceito criado na França no final do século XIX (GOMES, 2008 a). Desde seu surgimento até os dias atuais, meado da segunda década do século XXI, o conceito de intelectual foi objeto de uma vasta produção teórica. No entanto, neste artigo não tencionamos proceder a uma revisão da literatura sobre o termo intelectual. Antes, nos interessa pensar em questões em torno da intelectual negra. Como dissemos anteriormente, a palavra intelectual foi criada no contexto da sociedade européia. Empregá-lo para refletir dimensões das pensadoras e pensadores negros brasileiros pode parecer um movimento colonizado como bem disse Edvaldo Oliveira (2014):

(...) Utilizar a palavra “intelectual” parecer ser, uma primeira mirada, não questionar os significados, marcada por uma visão de mundo eurocentrada, branca, machista e racista. Significados estes que são em muitas situações, excludentes, pois foram criados em um contexto, o europeu, que se quer como único, como criador de verdades e interpretações exclusivas. (...) Fez-se necessário então buscar novas significações, além daquelas dentro da visão de mundo referida anteriormente e para isto, busquei dialogo com a literatura africana e latino-americana, (OLIVEIRA, 2014, p. 16-17)



Estamos atentas às ciladas que o termo intelectual pode nos colocar, e, em função disso, é que buscamos outros universos de referências para pensarmos as questões em torno da intelectual negra brasileira. Os trabalhos Jurema de Wernek (2000) Ana Paula Gomes (2008 a), Nilma Lino Gomes (2008b), Sales Santos (2008), Cláudia Pacheco (2011) e Edvaldo Oliveira (2014) são importantes para a discussão que articulam reflexões acerca articulação do conceito intelectual com a população negra no contexto brasileiro.

Uma segunda questão que desejamos destacar refere-se à compreensão de que há diferentes possibilidades de ser intelectual negra e negro. Assim, mesmo quando falamos no singular, intelectual negra e negro, estamos fazendo a partir da chave da heterogeneidade. Com o propósito de nos aproximarmos conceitualmente acerca do que seja intelectual negra buscamos alguns estudos sobre a temática no Brasil.

Ana Paula Gomes (2008a), na sua pesquisa sobre trajetória de intelectuais negros e a educação das relações étnico-raciais, explicita o que ela compreende por intelectuais negros.

(...) busco entender o/a intelectual negro/a como aquele que se opõe a idéia de inferioridade negra defendida e atestada pela sociedade brasileira. Por isso, é preciso lembrar que a pergunta que aqui se faz é a de que intelectuais estamos falando? Do negro intelectual ou do intelectual “negro”? O negro intelectual pode ser todos/as os/as negros/as que produzem conhecimentos sejam como engenheiros/as, médicos/as, poetas, pintores/as, músicos, pesquisadores/as, cozinheiros/as, professores/as, sapateiros/as, borracheiros/as etc em benefício de si próprio. Porém, os/as intelectuais “negros/as” são aqueles que produzem conhecimentos não apenas em benefício de si próprios/as, mas também em benefício de sua comunidade negra. (GOMES, 2008 a. p. 23-24)

Ao procedermos à leitura dessa autora, alguns aspectos chamam nossa atenção. Primeiro, é a relação de oposição do intelectual negro à ideia do racismo estrutural presente no Brasil. A segunda é a forte tônica na vinculação do intelectual negro com a sua comunidade. A terceira é o assento explícito do papel do intelectual negro na produção de conhecimento para o seu coletivo. E, por último, é a distinção que Ana Paula Gomes (2008a) faz entre os termos negro intelectual e intelectual “negro”.

No seu referido trabalho, a autora com a qual dialogamos agora elege o termo intelectual “negro/a” para compreender os processos educativos na trajetória de vida de pessoas negras que as formam intelectuais negros. O termo “negro” entre parêntese adotado pela autora em questão foi acolhido a partir dos escritos Antônio Sérgio

Guimarães (2004). Para Guimarães (2004) *apud* Gomes (2008a) a experiência de ser uma pessoa negra, que vivencia na pele as discriminações étnico-raciais, é fundamental no processo de constituição do perfil do intelectual negro. E, essa vivência, marca a diferença entre intelectual “negro” e o termo genérico intelectual.

Enquanto Ana Paula Gomes (2008a) utiliza o termo intelectual “negro”, Sales Santos (2008), na sua tese de doutorado prefere adotar a expressão, negro intelectual, para discutir a dimensão da intelectualidade negra no Brasil. Segundo o pesquisador Sales Santos (2008) apesar de numericamente serem muito poucos, sempre existiram intelectuais negros na academia brasileira. No entanto, negros intelectuais, como por exemplo, Lélia Gonzalez, e Guerreiro Ramos sempre foram raros.

(...) os acadêmicos de origem ou ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos Movimentos Sociais Negros, adquirindo ou incorporando destes uma ética da convicção anti-racismo que, associada e em interação com uma ética acadêmico-científica que foi adquirida ou incorporada dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras ou estrangeiras, produz nestes intelectuais um **ethos acadêmico ativo** que orienta as suas pesquisas, estudos, ações, bem como as suas atividades profissionais de professores universitários. Tal conduta acadêmica leva-os a pesquisarem as relações raciais brasileiras, o racismo, as desigualdades raciais e suas conseqüências virulentas para a população negra, a partir de um ponto de vista que recusa a colonização intelectual eurocêntrica. (SANTOS, 2008, p. 11). (grifos do autor)

Sales Santos (2008) busca compreender a discussão em torno da intelectualidade negra brasileira a partir da formação de uma ética anti-racista e em prol da igualdade racial, forjada nos contextos das experiências em dois mundos de práticas sociais - o mundo dos movimentos sociais negros e o mundo acadêmico-científico. Assim, para este autor, o que caracterizaria os negros intelectuais seria a conjunção de uma ética de convicção antirracista, aprendida ou absorvida dos movimentos sociais negros, com um ethos acadêmico-científico posicionado em favor da igualdade racial.

A conceituação em torno de quem seriam os negros intelectuais apresentada anteriormente por Sales Santos (2008) foi parcialmente acolhida por Nilma Lino Gomes (2008 b). Se por um lado, esta autora não discutiu a diferença entre os termos intelectual negro ou negro intelectual, como faz Sales Santos (2008), por outro, ela amplia a conceituação proposta por este último. A professora Nilma Lino Gomes (2008 b) ao apresentar reflexões em torno dos intelectuais negros e produção de conhecimento



realizada no âmbito da academia, opta por empregar o termo intelectual negro. Ela conceitua este termo a partir de três dimensões.

A primeira dimensão diz respeito à compreensão do intelectual negro como sendo o profissional que articula na sua produção o *ethos* político das questões raciais com o *ethos* acadêmico-científico. Aqui, a referida autora, acolhe a definição proposta por Sales Santos (2008) conforme vimos anteriormente. E, avança em relação à proposição deste autor, ao propor outras duas dimensões para caracterizar quem seja o intelectual negro. Para referida autora,

(...) o intelectual negro é também aquele que indaga a ciência por dentro e problematiza conceitos, categorias, teorias e metodologias clássicas (...). E, ainda, é aquele que coloca em diálogo com a ciência moderna os conhecimentos produzidos na vivência étnico-racial da comunidade negra. (GOMES, 2008b, p. 500)

As três dimensões apontadas pela pesquisadora Nilma Lino Gomes (2008 b) são extremamente importantes para pensarmos nos contornos que configuram as intelectuais negras. Aqui, se sobressaem que estas intelectuais articulam o *ethos* político das questões raciais com o *ethos* acadêmico-científico, questionam o arcabouço epistêmico da ciência moderna e colocam em diálogo os conhecimentos produzidos no âmbito da comunidade negra com a ciência moderna.

A perspectiva de intelectual negro, comunicada por Nilma Lino Gomes (2008b) foi considerada por Edivaldo Oliveira (2014) como uma concepção que restringe o intelectual negro ao universo da academia. Ele diz que Gomes (2008b) entende o “intelectual negro como sendo a pessoa negra que está na universidade, na academia, produzindo e questionando ciências.” (GOMES, 2008b, p. 115).

Edivaldo Oliveira (2014), no trabalho de doutorado, busca compreender como se dá o processo de constituir-se negro e negra intelectual, e como essas experiências de negros(as) de constituir-se intelectuais podem contribuir para educação das relações étnico-raciais. Neste empreendimento, o autor elege o termo “negro intelectual” ante ao “intelectual negro” para proceder à discussão. Ao optar pela expressão negro intelectual, este autor coloca em primeiro plano a identidade étnico-racial da pessoa, e emprega o termo intelectual para qualificar esta pessoa. Vejamos nas palavras do próprio pesquisador o que entende por negro(a) intelectual.

(...) a definição de negro(a) intelectual está pautada em pessoas negras que: se emanciparam, escapando da escravidão psicológica, física, induzida pelo



pensamento eurocêntrico; descolonizou e descoloniza mentes; são pessoas que passaram por instituições escolares e acadêmicas, mas são também pessoas sem escolarização; são pessoas capazes de representar anseios comuns aos negros e negras, organizar e unir grupos; são referências das comunidades de que são oriundas e participam; são pessoas que dialogam com a sociedade por meio de suas produções e atividades profissionais, políticas, artísticas, culturais científicas entre outras. São produtores(as) de artes, ciências, políticas, conhecimentos e de ciência na perspectiva da população negra; são pessoas que atuam em espaços públicos com compromisso específico com a população negra; são pessoas convictas com uma ética antirracista, integrantes do movimento social negro; que pensam, agem e produzem conhecimento em prol das comunidades negras. São indivíduos que por meio de suas experiências de negros e negras organizam, dirigem a população negra e a sociedade; são pessoas que se educam e propiciam a outros se educarem no combate ao racismo e às discriminações; são também acadêmicos que questionam os conhecimentos e os direitos pretensamente universais, por meio da produção, reflexão, intervenção, relacionando o *ethos* étnico-racial com o *ethos* acadêmico-científico, questionando e produzindo conceitos, categorias, teorias, metodologias em conexão com a população negra. (OLIVEIRA, 2014, p. 116).

A leitura e análise dos estudos apresentados nos possibilitam a compreensão de que apesar das diferenças nas nomenclaturas, e, dos diferentes entendimentos acerca dos significados de “negro intelectual” e “intelectual negro”, existe uma relação de oposição do intelectual negro à ideia do racismo estrutural presente no Brasil. Ou seja, os intelectuais negros se constituem enquanto tal a partir da postura política antirracista. Assim, é explícita a luta dos intelectuais negros contra a dominação étnico-racial; em prol da igualdade racial, e, em prol de políticas promoção dessa igualdade.

Por fim, gostaríamos de dizer que neste artigo, optamos pela utilização dos termos intelectuais negras - sujeitos social e político - para refletirmos acerca das mulheres negras, que tem elegido a temática das crianças e infâncias negras como questões de estudos, pesquisas, reflexões, mobilizações e preocupações fora e dentro do âmbito da academia.

MULHERES E INTELLECTUAIS NEGRAS: PENSANDO DESDE O FEMINISMO NEGRO

Consideramos os estudos apresentados na seção anterior referências importantes para a discussão dos sentidos acerca da intelectualidade negra no Brasil. No entanto,

compreendemos que eles apresentam lacunas quando tentamos articular as reflexões em torno da intelectualidade negra com a categoria de gênero⁶.

Esta compreensão passou a se evidenciar para nós, na medida que começamos a ler e estudar sobre o feminismo negro. A aproximação com a produção do pensamento feminista ocorreu com a participação no componente curricular; Dinâmica das relações de gênero, raça, e classe. Este componente, coordenado pela professora doutora Rosângela Janja Araújo e pelo professor doutor Cristiano Rodrigues fez parte do Programa de Pós-graduação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da Universidade Federal da Bahia.

Neste contexto, vislumbramos que as construções epistêmicas e políticas empreendidas pelo feminismo negro brasileiro e afro-diaspórico podem nos ajudar a (re)pensar a interface entre as categorias étnico-racial e de gênero quando discutimos a intelectualidade negra no Brasil.

Segundo Lícia Barbosa (2010) e Haydée Soula, (2014) o surgimento do pensamento feminista negro ocorreu na década de 1970 nos Estados Unidos, a partir dos trabalhos de bell hooks⁷, Patricia Collins, Ângela Davis, Audre Lorde, Alice Walker, dentre outras

O feminismo negro problematiza as raízes individualistas e eurocêntricas do feminismo (Haydée Soula, 2014). Ou seja, ele questiona o feminismo clássico, ao destacar a incidência do racismo nas experiências das mulheres negras. Assim, uma das grandes contribuições do pensamento feminista negro foi o de trazer para o debate em torno das reflexões de gênero, a necessidade da interseccionalidade com outras categorias que operam uma exclusão em torno da mulher negra. Aqui, interseccionalidade é compreendida a partir da proposição da autora afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002)

A associação de sistemas múltiplos de subordinação (...) que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos,

⁶É aqui compreendida como uma categoria relacional e contextual, na tentativa de contemplar as complexidades e conflitos existentes na formação dos sujeitos. (SOUZA, 2005:s/p.)

⁷bell hooks é nome e a forma escolhida pela escritora norte-americana Gloria Jean Watkins para assinar sua obra.



constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Para as estudiosas negras estadunidenses, além da categoria gênero era preciso considerar outras categorias - como a racial e a de classe - para nos aproximarmos dos sentidos das múltiplas experiências das mulheres negras. Inclusive dos sentidos de ser uma intelectual negra. Neste cenário, bell hooks (1995) diz que o imaginário social coletivo, por estar impregnado de dominação de raça, gênero e classe, não conseguem vislumbrar e aceitar que as mulheres negras são capazes produções intelectuais.

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê e um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, 1995, p. 468)

Em outras palavras, o imaginário cultural coletivo não consegue ver as mulheres negras como intelectuais, porque o pensamento ocidental – sexista e racista - construiu representações estereotipadas dessas mulheres como estando no mundo para servir aos outros, como escravas, como símbolos sexuais, como mãe preta e etc. (hooks, 1995).

No Brasil, Jurema Werneck (2010) nos apresenta um amplo leque de formas organizativas e modelos desenvolvidos pelas mulheres negras como estratégias de lutas às violências que ameaçaram “nossa sobrevivência física, material e simbólica” (WERNECK, 2010) no decorrer das diferentes momentos históricos do país.

Quando falamos sobre feminismo negro no Brasil, o compreendemos como um pensamento social e político, como propõe a pesquisadora Ana Sebastião (2010) A autora diz:

Por feminismo negro no Brasil, considere o movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras comprometido com a mudança social e atuante num campo ideológico no qual estão inseridas. O feminismo negro é um conceito que vem sendo forjado na luta do movimento de mulheres negras pelo reconhecimento das especificidades do grupo no contexto da luta feminista e do combate ao racismo. As correntes desenvolvidas pelo feminismo tradicional não correspondem integralmente às necessidades da mulher afrodescendente. Daí, a relevância de desenvolver um feminismo com recorte racial e que combata simultaneamente o domínio patriarcal e racista. (SEBASTIÃO, 2010, p. 66).



O feminismo negro brasileiro, na configuração contemporânea tem suas origens no fim da década de 1970. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Edna Roland, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Luiza Bairros, dentre inúmeras outras, são referências de mulheres e intelectuais negras que vem lutando contra estereótipos da mulher negra como mulata, doméstica e mãe preta (LUIZA BAIROS, 2000). Estes estereótipos são fruto das relações racistas e sexistas presentes no imaginário brasileiro em relação à mulher negra desde os tempos do escravismo que a população negra foi submetida.

Ana Cláudia Pereira (2013), nos conta que o feminismo negro brasileiro, como lugar de produção de pensamento social e político, tem uma proposta democrática que busca construir projetos de justiça social. Para esta autora, o feminismo negro, amplia até mesmo o campo de Estudo das Relações Raciais no Brasil em quatro aspectos. Primeiro, a produção intelectual das feministas negras desafia a academia como único lugar de produção de conhecimento científico. Segundo, as feministas negras buscam aliar experiência individual e estrutura social nas suas pautas e produções. Terceiro, a compreensão de democracia do feminismo negro passa pela participação de grupos minoritários em processos de alocação de recursos estatais. E, por fim, a perspectiva interseccional favorece a compreensão de que opressão racial se junta a opressões de gênero, de classe e a heteronormativa⁸.

Consideramos que os aspectos apontados por Ana Cláudia Pereira, (2013) são elementos significativos no movimento de considerar que o pensamento feminista negro do Brasil favorece uma ampliação da compreensão em torno do conceito de intelectual. Além deles, destacamos que o feminismo negro afirma a mulher negra como sujeito de saber, rejeitando os estereótipos da mulher negra como estando no mundo apenas para servir ao outro.

A seguir discutiremos da atuação das intelectuais, pesquisadoras, ativistas com o assunto das crianças negras no contexto da academia.

INTELECTUAIS NEGRAS NA ACADEMIA E AS CRIANÇAS E INFÂNCIAS NEGRAS

De modo geral, a academia brasileira, sempre foi resistente ao acesso da população negra. O movimento de inserção de negros e negras na universidade pública -

⁸ É a imposição da heterossexualidade como norma.



que sempre foi uma instância de disputas, entre a elite e a classe média - foi seguida de mobilização de forças reativas oriundas dos setores conservadores e privilegiados da sociedade brasileira (CARDOSO, 2010). Ainda segundo a pesquisadora Nadia Cardoso (2010) “Imperou um silêncio tanto acadêmico quanto dos movimentos sociais em relação a invisibilidade dos negros no ensino superior brasileiro”. (p. 48).

Em função do silêncio acima aludido, o Movimento Negro adentrou o século XXI com projeto de disputa da universidade, por entender este espaço, também como esfera de intervenção social. Neste trabalho, Movimento Negro ou Movimento Social Negro é compreendido por nós como um sujeito político coletivo, tal como propôs a professora Nilma Lino Gomes (2011).

Antes do começo do século XXI havia poucas negras e negros na universidade, eram raros aqueles que conseguiam adentrar e permanecer neste ambiente. Havia, e infelizmente ainda há, uma resistência à presença da população negra. No que diz respeito às mulheres negras há por parte da academia brasileira, um sistemático não reconhecimento da mulher negra como produtora de pensamento e de conhecimento, como nos afirma Alex Ratts, (2007), Ana Claudia Pacheco (2011) e Cláudia Pons Cardoso (2012).

Sobre os ombros das mulheres negras há o peso do pertencimento a um grupo que foi concebido como formado por pessoas destituídas de capacidade intelectual. Mas, como bem nos lembrava a professora universitária Lélia Gonzalez apenas o pertencimento étnico-racial, não explica essa recusa da academia em reconhecer a mulher negra como uma intelectual. Pois, “A política do patriarcado⁹ torna a situação dos intelectuais negros, diferente das intelectuais negras. Embora eles enfrentem o racismo não enfrentam os preconceitos de gênero” (hooks, 1995, p. 475).

Buscando subverter, ou pelo menos minar a lógica da academia, enquanto lugar produtor de uma ciência racial, androcêntrica, eurocêntrica, adultocêntrica e classista (GOMES, 2010)¹⁰ algumas mulheres negras brasileiras - fortalecidas a partir das lutas empreendidas pelos Movimentos Negros a favor de políticas afirmativas e de reparação,

⁹É sistema histórico de relação de poder do homem frente a mulher (OLIVERIA; RODRIGUES, 2013).

¹⁰Embora Gomes (2010) não defina os conceitos, pensamos ser importante fazê-lo. A palavra androcêntrica e configura como um sistema histórico de dominação do masculino frente ao feminino. (OLIVERIA; RODRIGUES, 2013). Eurocêntrica é um modo de produzir conhecimento que tem Europa ocidental como a referência principal. (QUIJANO, 2005). E, por fim, adultocêntrica é a compreensão de que o modelo é o adulto e tudo passa a ser visto e sentido segundo a ótica do adulto. (GOBBI, 1997).



desde meados da década de 1970, mas de modo mais intenso, a partir de 1990 - tem adentrado este espaço social como estudantes, professoras, pesquisadoras, intelectuais.

Ao se inserirem na academia, a partir dessas vinculações, e não mais como objetos de pesquisa, as mulheres negras a transformam em espaço de atuação política em prol da comunidade negra, e, põem em ação projetos de lutas e resistências. Apesar de não centrar sua discussão em torno das mulheres negras na academia, Nilma Lino Gomes (2010), tece reflexões que nos interessam. Ela afirma:

A inserção de negros e negras no campo da pesquisa científica e da produção do conhecimento não mais como objetos de estudo, mas como sujeitos que possuem e produzem conhecimento faz parte da história das lutas sociais em prol do direito à educação e ao conhecimento assim como a luta pela superação do racismo. (Gomes, 2010, p.492)

A escolha pela academia e pela ciência, como mais uma frente de luta das mulheres negras, está ligada ao fato de que no fim do “século XIX e início do século XX a ciência serviu de instrumento de dominação, discriminação e racismo e a universidade foi o principal espaço de divulgação dessas idéias e práticas”. (GOMES 2010).

Segundo Nilma Lino Gomes (2010) os intelectuais negros que foram se forjando a partir da década de 1990 e adentram a academia, estão em sua maioria nas áreas de ciências sociais e humanas. Em meio a esta grande área, um número significativo de intelectuais negras que adentraram a universidade está no campo da educação.

Desde os anos 2000, houve a intensificação de debates sobre a questão racial no Brasil. Os movimentos sociais negros pautaram do Estado brasileiro a implementação de instrumentos legais, e, a instituição de ações afirmativas para a população negra. Uma vez que este contingente populacional foi historicamente desprivilegiado em função do racismo estrutural operado pelo Estado brasileiro. A partir de 2003, com a ascensão de um projeto político de vertente democrática no Brasil, os movimentos negros seguiram pautando suas questões. Uma das pautas foi o acesso e permanência na universidade, na academia.

Ao adentrarem no espaço de poder que é a academia, parte significativa de mulheres e homens negros levaram para o âmbito das pesquisas, os assuntos que diziam respeito a si e às suas comunidades. Assim é que o desafio de abordar questões relativas à crianças negras foi assumido quase que exclusivamente pelas mulheres - consideradas por nós como intelectuais- pesquisadoras-ativistas-militantes - negras.



Neste cenário, houve um aumento no número de pesquisas em torno das crianças e infâncias negras no campo da educação e das relações étnico-raciais. Dentre este universo temos os trabalhos de: Eliane Cavalleiro (2000); Yvone Souza (2002); Denise Ziviani (2003); Fabiana Oliveira (2004); Aretusa Santos (2005); Waldete Tristão (2006) Lucimar Dias, (2007); Flávia Damião, (2007); Silvandira Franco, (2007); Cristiane Silva (2007); Marta Alencar Santos (2008b); Fernanda Souza (2009); Paula Telles, (2010); Cristina Trindad (2011), Ellen Souza (2012), Mighian Danae (2012), Thaís Carvalho (2013), Erika Pereira (2015), Ivonete Alves (2017), dentre outras pesquisadoras.

Assim, é fundamentalmente pela mão das pesquisadoras negras, e, em menor número pela mão de pesquisadoras não-negras, que o assunto crianças e infâncias negras adentra os espaço da produção de conhecimento científico na área da educação. Flávia Damião (2018) identificou o predomínio de pesquisadoras negras em estudos com crianças e/ou infâncias negras no Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE) de 2000 a 2014. Já Thaís Carvalho (2013) constatou que em um conjunto de vinte e quatro (24) dissertações e teses produzidas entre 2003 e 2011 que abordavam as relações étnico-raciais e a educação infantil e/ou infâncias, 23 foram realizadas por pesquisadoras, apenas uma foi empreendida por um pesquisador.

A recorrente autoria de mulheres negras nos trabalhos acerca das infâncias negras nos remete por hora a duas reflexões.

A primeira, mais positiva, é de que a chegada deste assunto ao âmbito da academia tem sua gênese nas preocupações empreendidas pelos movimentos sociais negros com a educação de suas crianças ao longo da nossa presença em terras brasileiras, como já nos asseverou as pesquisadoras Petronilha Gonçalves e Silva e Luis Alberto Gonçalves (2000) Henrique Cunha Júnior, Ana Beatriz (2003) e Ivan Lima, (2004).

As mulheres negras sempre tiveram uma participação ativa nos movimentos negros. Jurema Werneck (2000) diz que “foi a partir da contribuição das mulheres que a comunidade negra veio a se organizar”. Se não podemos afirmar que todas as pesquisadoras negras que trabalham com as questões das infâncias negras no âmbito da universidade, estão ou estiveram ligadas a estes movimentos, podemos dizer que parcela significativa destas autoras forjaram suas preocupações sobre o assunto a partir de algum nível de relação com os mesmos.



Outra possibilidade explicativa para o fato das mulheres negras serem as principais responsáveis por levar o tema das crianças e infâncias negras para a academia, pode está ligada às experiências anteriores que estas mulheres tiveram com as questões das crianças negras. Muitas mulheres negras, antes de se constituírem em pesquisadoras, têm a experiência de serem mães, tias, professoras, militantes, etc. E, ao entrarem no mundo da pesquisa, muitas vezes, elegem as infâncias negras como seu principal assunto. Essa perspectiva de inclusão das experiências e vivências das mulheres negras na produção do conhecimento é um dos aspectos defendidos pelo feminismo negro (COLLINS *apud* CARDOSO, 2012).

A segunda reflexão, que de alguma maneira pode se contrapor à primeira questiona a predominância de pesquisadoras negras na atenção dos universos das experiências infantis negras brasileiras no interior da academia. Porque são as mulheres negras quem mais têm se ocupado das questões em torno das infâncias negras, também, no campo da produção de conhecimento científico das ciências humanas, particularmente na área da educação no Brasil? Ao levarem o assunto das crianças negras para a academia, as mulheres negras seguiriam capturadas pela ideia de serviço e cuidado aos outros – mesmo dentro do grupo étnico-racial – em detrimento de cuidado consigo mesma?

Essas e outras inquietações só nós ocorreram após aproximação com a produção teórica de bell hooks (1995). Ela nos diz que a compreensão da mulher negra como inatamente mais capazes de cuidar de outros, está presente no pensamento cultural de toda a sociedade, inclusive no imaginário do grupo social negro. As considerações de bell hooks (1995) acerca do estereótipo da mulher negra como sendo talhada para servir os outros, desequilibra nossas compreensões sobre as relações de gênero na produção do conhecimento científico acerca das infâncias negras brasileiras.

No entanto, é a partir dos escritos de bell hooks (1995) que encontramos caminhos para lidar essas inquietações, não respondê-las. Mesmo porque essas questões ainda ressoam forte em nós. Para a referida autora não há outros sujeitos sociais que sofrem maior opressão que as mulheres negras. Sem querer empreender uma disputa de quem sofre maior opressão, para nós, as crianças negras estão numa situação de vulnerabilidade tão ou mais intensa que as mulheres negras. E, nós, mulheres negras, sentimos e sabemos da delicadeza existencial de nossas crianças.



Neste sentido, nossa hipótese dos motivos que levam as mulheres negras a serem protagonistas no debate acerca das crianças e infâncias negras tem múltiplas dimensões, traremos aqui duas delas. Uma dimensão ligada a dor, outra ligada ao prazer e cura.

As mulheres negras que atuam – dentro e fora da academia - com o assunto das crianças negras, de algum modo compreenderam que meninas e meninos negros são assim como elas sujeitos sociais que sofrem grande opressão e violência na sociedade brasileira. Ou seja, apontamos que de algum modo as mulheres negras se identificam com as crianças negras pelos caminhos da dor. Dor que o racismo que estrutura nossa sociedade historicamente tem impingido a todo o grupo negro brasileiro. E, ao levarem o tema das crianças negras para a academia brasileira as pesquisadoras negras estão produzindo conhecimentos sobre um segmento populacional de seu grupo étnico-racial, tão vulnerável quanto elas.

Mas também, compreendemos que as mesmas mulheres, mobilizam recursos internos e existenciais banhando de prazer, amor, cura e afirmação da vida. Ou seja, ao se dedicarem às crianças negras também no ambiente da academia, elas estão pensando e escrevendo histórias afirmativas da população negra. Histórias que falam de prazer, alegria, inteligência, partilha, superação, etc. Uma vez que o “racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer” (COSTA *apud* SOUZA, 1983, p. 10) é um movimento transgressor aos limites que ele, o racismo tende a nos impor afirmarmos que temos prazer em produzir conhecimento socialmente engajado em prol de nós e de nossas comunidades no contexto da academia. Prazer de pensar em caminhos de amor, felicidade, abundância, longevidade para nós e para os que compõem o coletivo que integramos.

PALAVRAS FINAIS

Mulheres e crianças negras brasileiras são sujeitos sociais que tem seu *status* de ser negados pelo racismo que vigora no país. Em função do racismo estrutural que atua no Brasil, estes dois grupos – crianças e mulheres negras – têm suas experiências de vida vincadas pelo pouco ou reduzido acesso a bens sociais, como educação, saúde, moradia, lazer, trabalho etc. Além disso, são sujeitos sociais e históricos que têm suas habilidades intelectuais, lúdicas e afetivas negadas. Mas, como a sociedade brasileira é também machista e adultocêntrica – centrada nos adultos - outros eixos de opressão incidem ainda



sobre estes dois grupos. Assim, racismo e sexismo¹¹ atingem as mulheres negras, e racismo e desigualdade geracional atingem as crianças negras.

Neste contexto, compreendemos que as intelectuais negras brasileiras ao elegerem as crianças e infâncias negras assuntos de vida também nas pesquisas e estudos na universidade estão tendo, ao mesmo tempo, uma atuação política, social e acadêmica. Nós produzimos pesquisa eticamente engajada, na medida em que nos voltamos para um contingente populacional que como nós, sofre múltiplos processos de opressão e vulnerabilidades em função de seus pertencimentos - étnico-racial, geracional, de gênero, de classe, geográfico, religioso, para citar alguns. Assim, a escolha das intelectuais negras para e com as infâncias negras, no contexto da academia, pode ser lida como uma atuação que articula a um só tempo, a ação no âmbito da ciência, com as lutas sociais das/dos negras/os. Em ambos os casos, há uma evidente preocupação com a comunidade negra.

Levar para o fazer científico, no nível da pós-graduação, um tema socialmente desvalorizado, que durante muito tempo esteve circunscrito ao âmbito do privado, era, e continua sendo, um ato político, como nos aponta a pesquisadora Ana Cristiana Cruz (2010). “A escolha teórica é uma escolha política, assim, como a opção por um tema, a forma de elaboração da escrita, o delineamento da pesquisa também são escolhas políticas.” (CRUZ, 2010, p. 66). O ato político que nós, mulheres negras, empreendemos ao nos relacionarmos com crianças negras na academia, caracteriza nossa atuação como um posicionamento, militante e ativista, em torno das crianças negras e suas infâncias na produção de conhecimento científico.

Crianças e mulheres negras têm resistido às adversidades, escapando à definições e lugares que a sociedade constrói para elas. Bebendo na fonte da herança comum ao povo negro - na coletividade, no sagrado e na multiplicidade – crianças e mulheres negras, forjam outros mundos e outros modos de ser. Neles falam a partir de si utilizando múltiplas e diferentes linguagens com vistas à criação de contextos nos quais possam vivenciar, ampliar e atualizar suas potencialidades, necessidades, desejos e sonhos... com vistas, também, à construção de realidades e horizontes de vida mais belos e justos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹¹ Sexismo seria baseado num determinismo biológico onde homens e mulheres teriam papéis sociais determinados em função da distinção sexual (macho x fêmea).

ALVES, Ivonete Aparecida. *Educação Infantil e relações étnicas e raciais: pele negra e cabelo cresponas escolas públicas e sua tradução nos trabalhos acadêmicos* Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; OUTRAS. *O livro da Saúde das mulheres Negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas e Crioula, 2000. p. 42-61.

BARBOSA, Lícia Maria. *Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e Brasileiro*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis, 2010.

CALDWELL, Kia. *A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil*. *Revista da ABPN*, v.1, n.1, mar./jun. de 2010. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/21>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

CARDOSO, Nádia Maria. *Instituto Steve Biko: juventude negra mobilizando-se por políticas de afirmação dos negros no ensino superior*. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2010.

CARDOSO, Cláudia Pons *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2012.

CARNEIRO, Fernanda, *Nossos passos vêm de longe...* IN: Werneck, Jurema. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Crioula, 2000)

CARVALHO, Thaís Regina. *Políticas de Promoção Da Igualdade Racial na Rede Municipal de Educação Infantil De Florianópolis/Sc*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2013.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Mulheres Negras, Ativismo e Produção de Conhecimento: uma Conversa com Michele Lopes da Silva*. *Revista da ABPN*, v.1, n.1, mar./jun. de 2010. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/31/38>>. Acesso em: 24 Set. 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. *Revista Estudos Feministas*, vol.10, n.1, p.171-188. 2002.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal. *Os debates do significado de educar para as relações étnico-raciais na educação brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010

CUNHA JÚNIOR, Henrique; GOMES, Ana Beatriz. *Movimentos sociais de maioria afrodescendente*. IN MATOS, Kelma (org.) *Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

DAMIÃO. *Primeira Infância, Afrodescendência e Educação no Arraial do Retiro*. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

DAMIÃO, Flávia de Jesus; OLIVEIRA, Eduardo David. *Diversidade étnico-racial: como garantir esse direito na educação infantil?*. VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (EDUCON). São Cristóvão- SE. ANAIS (1982-3657)2013.

DIAS, Lucimar Rosa. *No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo*. Tese (Doutorado em Educação) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

FRANCO, Silvandira Arcanja. *Xirê – Proposta para Inclusão da Criança Negra na Educação Infantil: o saber nas festas do Terreiro do Cobre*. Dissertação (Mestrado em Educação e contemporaneidade) – Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007.

GODOY, Eliete Aparecida. *A representação étnica por crianças pré-escolares – estudo de caso à luz da teoria piagetiana*. Dissertação de mestrado. São Paulo: UNICAMP, 1996.



GOMES, (a) Ana Paula. *Trajetória de vida de intelectuais negros(as): contribuição para educação das relações étnico-raciais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, 2008.(a).

GOMES, (b) Nilma Lino. Intelectuais negros e produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. IN:SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2008(b).

GONÇALVES, Luiz A. O. & SILVA, Petronilha. B.G. *Movimento negro e educação*. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Editora Autores Associados, n. 15, p. 134-159, set/out/nov/dez, 2000.

GUMARÃES, Antonio Sérgio. *Intelectuais negros e formas de integração nacional*. In: Horizontes antropológicos. UFRGS. IFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Ano 10. n 22. (2004). Porto Alegre:PPGAS, 2004. P. 271-283

hooks b. *Intelectuais negras*. Estudos Feministas, Vol. 3, No.2, 1995, p. 465-477.

_____. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 16, pág. 193-210, abril de 2015.

LIMA, Ivan Costa. *Uma Proposta Pedagógica do Movimento Negro no Brasil: Pedagogia Interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo*. Florianópolis: UFSC, 2004 (Dissertação de mestrado).

LUZ, Narcimária. *Abebe: a criação de novos valores na educação*. Salvador: Secneb, 2000.

NOGUEIRA, Azânia R.; PASSOS, Joana C.; CRUZ, Tânia M. A participação das pesquisadoras negras na participação do conhecimento científico. *Identidade! | São Leopoldo*. v.18 n. 3, ed. esp. p. 291-302 | dez. 2013.

OLIVEIRA, Eliana. *Relações raciais nas creches do município de São Paulo*. 1994. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Fabiana. *Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial*. Dissertação (Mestrado em educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - SP 2004a.

(OLIVEIRA, 2004) OLIVEIRA, Rosa Maria. Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica. *Revista Sequência*, n.º 48, p. 41-72, jul. de 2004b

OLIVEIRA Eduardo David *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação*. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Ceara/Faced: Fortaleza, 2005.

OLIVEIRA, Waldete Tristão. *Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas no distrito de Jaraguá*, em São Paulo: processos diferenciados de formação e introdução no mercado de trabalho. Dissertação(Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006

OLIVEIRA, Mariana R.; RODRIGUES, Larise. *Descolonizando o feminismo: desafios para a construção do feminismo latino-americano*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

OLIVEIRA, Edvaldo Ribeiro. *Negro intelectual, Intelectual negro, Negro-intelectual: considerações de constituir-se negro intelectual*. Tese (Doutorado em Educação) São Carlos: UFSCAR, 2014.

PACHECO, Ana Cláudia. *A trajetória de uma intelectual negra: uma voz subalternizada?* XI Congresso Luso afro Brasileiro de Ciências Sociais. (Anais eletrônico) Salvador, 2011.

PEREIRA. Ana Cláudia. *Feminismo Negro no Brasil: a luta política como espaço de formulação de um pensamento social e político subalterno*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X .

PEREIRA, Erika Jennifer. *Tia, existe flor preta? Educar para as relações étnico-raciais*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015.



- QUIJANO, Aníbal. 2000 *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre trajetória de Beatriz Nascimento*. Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Insituto Kuanza. São Paulo, 2007.
- Reis, Maria Clareth G. *Corporeidade e infâncias: reflexões a partir da lei nº 10.639/03*. Em: A.P. Brandão & A. L. Trindade (Orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. (2010).
- RIBEIRO, Cristiane Maria. *Pesquisas sobre o negro e educação no Brasil. Uma análise de suas concepções e propostas*. São Carlos: UFSCAR, 2005. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2005.
- SANTOS, Aretusa. *Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta: entremeios*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.
- SANTOS, (a) Sales Augusto. *De militantes negros a negros intelectuais*. VI Congresso Português de sociologia. *Mundos sociais: saberes e práticas*. Lisboa 2008(a)
- SANTOS, (b) Marta Alencar dos. *Educação da Primeira Infância Negra em Salvador: um olhar sobre as políticas educacionais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.(b)
- SARMENTO, M & GOUVEA, Maria Cristina S. de. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.
- SEBASTIÃO. Ana Angélica. *Feminsmo negro e suas práticas no campo da cultura*. Revista ABPN. v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010 (p. 64-77).
- SILVA, Cristiane Irinéa. *O acesso das crianças negras à educação infantil: um estudo de caso em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. "Chegou a hora de darmos a luz nos mesmos": *Situando-se enquanto mulheres e negras*. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 45, p. 7-23, julho de 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 de julho de 2020.
- SOULA, HaydéePaixão. *Direitos Humanos das mulheres negras? VIII Congresso de Pesquisadores(as) Negros(as)*. (Anasi eletrônico), Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- SOUZA, Neusa S. *Torna-se: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal,1983.
- SOUZA, Yvone Costa de. *Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- SOUZA, Jane Felipe. *Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil*. 2005.
- SOUZA, Fernanda Moraes de. *Revirando malas: entre histórias de bonecas e crianças*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.



TELES, Carolina de Paula. *Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil: mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora*. Dissertação (Mestrado em Educação) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

TRINDAD, Cristina Teodoro. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2011.

VALENTE Ana Lúcia E. F. *Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 93, p.40-50, maio, 1995. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n93/n93a05.pdf>>

ZIVIANI, Denise Conceição. *À Flor da Pele: a alfabetização de crianças negras entre o estigma e a transformação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

WERNECK, Jurema. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.

_____. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. *Revista ABPN*. 1, n. 1 - mar-jun de 2010(p. 08-17).

Recebido em 01/08/ 2020

Aprovado em 20/08/2020